



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9343 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

Currículo, Cultura e a Escola do Campo

Débora Alves Feitosa - UFRB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

Odair Ledo Neves - UFRB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

## **CURRÍCULO, CULTURA E A ESCOLA DO CAMPO**

### **Resumo**

Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa que teve como objetivo realizar um estudo sobre a escola do campo, identificando a visão dos sujeitos que estão envolvidos na escola sobre Educação do Campo, Currículo e Cultura. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa por meio da pesquisa-ação, através de encontros formativos com 18 professores do município de Serra do Ramalho-BA, com duração de 40 horas. Os resultados da pesquisa-ação tornaram possível problematizar o currículo para a Educação do Campo, a identidade da escola do campo e a vinculação desta com a cultura local.

**Palavras-chave:** Currículo. Cultura. Educação do Campo. Formação de Professores.

### **Introdução**

Esta pesquisa foi motivada pelo desejo de compreender o currículo das escolas do campo, sua vinculação com a cultura local e a visão dos sujeitos do campo sobre a escola. Para isso, ancorou-se na discussão em Costa (2005) que analisa a escola e seus currículos como territórios de produção, circulação e consolidação de significados. A autora aponta que tanto a escola quanto o currículo tornam-se lugares consagrados para que se concretizem a política de identidade.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, partimos da abordagem qualitativa, privilegiando a pesquisa-ação, que de acordo com Thiollent (1988) é um tipo de investigação com base empírica, em que pesquisador e pesquisado são envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Neste sentido, realizou-se um processo formativo com 18 professores, utilizando a pesquisa-ação, discutindo-se as concepções de Currículo, Cultura e Educação do Campo. Parte dos resultados da pesquisa será desenvolvida melhor no texto que segue.

## **Currículo, Cultura e Educação do Campo**

Ao desenvolver uma discussão no campo do currículo e principalmente, ao tentar compreender como essa discussão atravessa a cultura e a identidade da escola do campo, é compreensível a nós, a partir dos estudos levantados, que a escola e o currículo, são espaços em que as políticas de identidade se concretizam, como afirma Costa (2005, p. 38) “Quem tem força nessa política impõe ao mundo suas representações, o universo simbólico de sua cultura particular”. Isto é, quem detém o poder valoriza sua própria cultura, reservando ao outro o lugar do esquecimento.

Para Arroyo (2013) a diversidade de experiências sociais, culturais, os diferentes modos de ver e pensar chega às escolas por meio da diversidade de sujeitos, que não podem ser negligenciados, pelo contrário, é urgente torná-los visíveis e reconhecê-los como sujeitos críveis. O espaço para discutir e propor este debate é o currículo.

É compreensível também, que ao nos referirmos a currículo não estamos nos limitando a listas de conteúdos, disciplinas, métodos e experiências, dentre outros, mas a articulação desses elementos em um contexto que diferentes visões de mundo, sociedade, posicionamentos sociais, políticos e culturais disputam espaço e vez. Como ressalta Costa (2005, p. 41).

O currículo e seus componentes constituem um conjunto articulado e normatizado de saberes, regidos por uma determinada ordem, estabelecida em uma arena que estão em luta visões de mundo e onde se produzem, elegem e transmitem representações, narrativas, significados sobre as coisas e seres do mundo.

Para Costa (ibid) os discursos e as narrativas constituem práticas que modelam o que convencionamos chamar de realidade. Instituem sentido, hierarquizam e articulam relações específicas. A autora defende que os saberes são mediados pela linguagem, esta por sua vez não é neutra e suas manifestações não são isentas de relações de poder.

Ao discutir sobre currículo abordando a partir da realidade cultural, é válido afirmar que conceito e abordagem de cultura ancoram nossos olhares e análises. Partimos do entendimento que a cultura é o resultado de uma dimensão do processo social, um insumo para se compreender as sociedades no contexto contemporâneo (SANTOS, 2006).

Para Laraia (2006) a cultura é que nos ensina o jeito de ver o mundo, as aspirações de ordem moral valorativa e os diferentes comportamentos sociais são resultados da operação de uma determinada cultura. Neste sentido, partilhamos da compreensão que “a cultura é um produto da história coletiva por cuja transformação e por cujos benefícios as forças sociais se defrontam” (SANTOS, 2006, p. 80). Decorre dessa visão a importância de discutir o currículo, compreendendo-o como um lugar privilegiado de circulação das narrativas, dos processos de subjetivação, da socialização dirigida e controlada.

Nesse processo, reconhece-se que a escola tem assumido a competência para efetivar um projeto de indivíduo para um projeto de sociedade (COSTA, 2005), nas falas desta autora, “Quando uma narrativa do currículo fala sobre algo ou alguém, ela também dispõe sobre esse objeto e sobre sua posição adequada: ela nomeia, enquadra, regula, coordena” (COSTA, 2005 p. 52).

E neste aspecto, compreendemos como Arroyo (2013), para quem o conhecimento

mais formador é aquele que reconhece que todo saber ou avanço científico tem autores, frutos do trabalho humano, de alguém, de coletivos, não se reduz a leis, conceitos descolados de uma realidade concreta, nas palavras do autor, “Os desenhos curriculares teriam de reconhecer e destacar que o autor, os sujeitos existem e são centrais na produção do conhecimento ensinado e aprendido” (ARROYO, *ibid*, p.145).

Assim, durante a pesquisa, nos encontros formativos, iniciamos as discussões sobre a realidade curricular das escolas do campo, buscando tencionar o debate sobre currículo, no sentido de captar a visão dos professores, sobre como está estruturado o currículo, da escola em que eles atuam e se nele há espaço para discutir a cultura do campo.

Os encontros formativos foram nos dando dimensão da ausência de uma compreensão mais ampliada, que possibilita ver o currículo como espaço que concentra e se desdobram as lutas em torno dos diversos significados sobre o social e o político, pois é no currículo que determinados grupos, em especial, os grupos dominantes expressam sua visão de mundo e de sociedade (SILVA, 1999).

Os professores também denunciaram uma lacuna na formação, tanto inicial, quanto continuada, sobre currículo, comprometendo a compreensão deles sobre os significados, potencialidades e intenções do currículo, reforçando a visão do currículo como algo dado, a ser seguido, uma relação de conteúdos, que pode ser adaptado a realidade dos alunos.

A pesquisa foi evidenciando a importância de discutir currículo na formação de professores da Educação do Campo, bem como também, a necessidade de incorporar a cultura do campo nos currículos, principalmente, quando compreendemos que o currículo é um território em que significados são disputados, não é um veículo que transporta algo a ser transmitido e absorvido, mas sim um lugar em que, ativamente, em meio a tensões, se produz e reproduz a cultura (MOREIRA; CANDAU, 2008).

Durante o diálogo com os professores, também discutimos o lugar da Educação do Campo no currículo da escola, os relatos dos professores sinalizaram a ausência de um planejamento que atendesse as especificidades do campo, “ (...) a cultura dos povos do campo, historicamente negligenciada, precisa compor o currículo escolar e integrar-se ao conteúdo universal produzido pela humanidade (FONTANA; SILVA; KARACHENSKI, 2013, p. 5472). É preciso articular no currículo da escola a cultura, a identidade, os valores e o trabalho dos sujeitos do campo vinculado aos conhecimentos científicos universais necessários à sua emancipação.

Outro ponto tensionado foi como a realidade do campo e seus sujeitos aparecem na proposta da escola, em que os professores participantes da pesquisa atuam. Constatamos por meio do diálogo com os professores que a escola segue um currículo único e não há espaço para essa relação em suas práticas. Esta situação coloca em evidência a ausência de relação entre a escola e a cultura do campo, bem como, a compreensão de que a escola do campo deve manter o vínculo com os sujeitos da comunidade e, que se reconheçam os saberes produzidos por eles. Como aponta Arroyo (2013, p. 153) a diversidade de sujeitos enriquece os conhecimentos: “Trazer os sujeitos para os currículos, para o conhecimento significa trabalhar o ensinar-aprender sobre as experiências de vida dos seus sujeitos e não sobre matérias distintas, abstratas, significa aproximar mestres e alunos entre si e com os conhecimentos”.

Nesse sentido, entendemos o currículo como construção social e política e que, os povos do campo têm o direito de ter valorizado suas culturas e identidades, pois como

defende Padilha (2004) o currículo da escola tem que ser um espaço de resgate da cultura local, espaço-tempo inserido num contexto político, econômico e social.

Outro assunto debatido durante o curso de formação refere-se à identidade da escola do campo, ponto central para se firmar a importância da Educação do Campo na proposta da escola. Como afirma Caldart (2009) a Educação do Campo além de buscar a interpretação da realidade para construção de conhecimentos emancipatórios, discute a garantia da qualidade de vida dos povos que vivem no e do campo.

No decorrer da pesquisa, o diálogo e a reflexão, durante os encontros formativos, se deram a partir do questionamento de como deve ser a identidade da escola do campo, bem como, de que maneira a compreensão deles sobre tal aspecto, ajuda a tensionar a realidade da escola em que eles trabalham. Identificamos na fala dos professores uma visão mais acentuada acerca dos aspectos que regem a Educação do Campo, percebemos também, que os posicionamentos dos professores já trazem com evidência as leituras realizadas no âmbito do projeto de formação, principalmente, ao vincular a Educação do Campo a participação e valorização dos aspectos tanto social quanto cultural.

Neste ponto, é preciso ressaltar que a identidade da escola do campo é definida pela relação que há entre a escola e à sua realidade, na temporalidade e saberes dos estudantes e na memória coletiva, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (BRASIL, 2002).

A Educação do Campo deve atender as especificidades dos sujeitos do campo, trabalhando principalmente a realidade em que a escola está inserida, como afirma Caldart (2004) ao defender uma educação no e do campo: no, porque o povo tem o direito de estudar no lugar onde vive; do, porque a educação deve ser pensada a partir do seu lugar e com sua participação vinculada à sua cultura e às suas necessidades.

Essa compreensão da Educação do Campo ajuda a entender o quanto é complexo esse projeto de educação, como também, nos faz refletir sobre como deve ser a relação da escola com o contexto local, com as manifestações e saberes locais, pois só assim, é possível discutir uma formação de sujeitos reflexivos e questionadores, decorre dessa visão a importância de discutir sobre o currículo da Educação do Campo.

Neste aspecto, Moreira e Candau (2008, p. 41) são enfáticos ao defenderem que “se pretendemos abrir espaço na escola para a complexa interpretação das culturas e para a pluralidade cultural, tanto as manifestações culturais hegemônicas como as subalternizadas precisam integrar o currículo e ser objeto de apreciação crítica”. Reconhecemos durante a pesquisa que apenas o conhecimento sistematizado, historicamente construído, não dá conta de fazer a discussão da Educação do Campo, em sua diversidade de sujeitos, identidades e diferentes formas de produzir a existência.

É importante reconhecer que “A valorização dos conhecimentos populares, locais e relativos às experiências individuais permitirá a expressão de saberes habitualmente marginais à escola e, simultaneamente, a leitura crítica das relações de poder instaladas na sociedade” (FESTAS, 2015, p.716). Podemos afirmar que a valorização destes conhecimentos terá sentido e significado se a escola trabalhar um currículo contextualizado, construído no diálogo com a comunidade, possibilitando a fala dos sujeitos e ouvindo seus saberes.

## Considerações Finais

O desenvolvimento desta pesquisa, orientado pelos princípios da pesquisa-ação, tornou possível discutir sobre o currículo para a Educação do Campo, a identidade da escola do campo e a vinculação com a cultura, ficando compreensível a todos que a escola deve manter um vínculo com os sujeitos da comunidade e os saberes produzidos por eles, pois a identidade da escola do campo se vincula a valorização social e cultural daqueles que vivem e sobrevivem no e do campo.

## Referências

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BRASIL. Resolução CNE/CEB 01/2002, de 03 de abril de 2002, Institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília: MEC/CNE/CEB.

**Diário Oficial da União**, Brasília, 9 de abril de 2002, Seção 1, p. 32, 2002. Disponível em: [http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib\\_educ\\_campo.pdf](http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_educ_campo.pdf). Acesso em: jun. 2021.

CALDART, Roseli Salete. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, M. G., CALDART, R.S., MOLINA, M. C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2009.

CALDART, Roseli Salete. Elementos para construção do projeto político e pedagógico da Educação do Campo. In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sônia Meire Santos Azevedo de. **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. Coleção Por Uma Educação do Campo, nº 5. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2004.

COSTA, Marisa Vorraber. Currículo e política cultural. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

FESTAS, Maria Isabel Ferraz. A aprendizagem contextualizada: análise dos seus fundamentos e práticas pedagógicas. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 713-728, jul./set. 2015.

FONTANA, Maria Iolanda; SILVA, Eliane de Souza; KARACHENSKI, Ineis Bernadete. A identidade e cultura dos sujeitos do campo no currículo escolar. In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11., 2013, Curitiba. Anais... Curitiba: Pontífica Universidade Católica do Paraná, 2013. p.5471-5483.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa ; CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

PADILHA, Paulo Roberto. **Currículo intertranscultural: novos itinerários para a educação**. São Paulo: Cortez: 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu. **O currículo como fetiche**. Autêntica: Belo Horizonte, 1999.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1988.

